

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## APÊNDICE

Mostrámos atrás que o argumento sobre a impossibilidade da mentira, no Eutidemo, adiante e noutros textos alargado à falsidade e à contradição, assenta sobre uma cadeia de equívocos, consentidos pelo verbo ‘ser’, em Grego clássico. Há, contudo, alguns aspectos do argumento, em particular da falácia inicial, que podem ser interpretados a partir de dados então não considerados.

A caracterização da pergunta da Eutidemo:

“Dizendo a coisa sobre a qual seja o discurso, ou não a dizendo?” –

como um “acto de fala”, parece atribuir um valor ilocutório a todo o acto locutório.

Não será exatamente assim, uma vez que essa atribuição não é generalizável, pelo fato de se restringir a certos usos do verbo ‘ser’, consentidos pela língua grega. Devemos, porém, notar que a extracção do complexo, constituído pela fusão da identidade/existência/verdade, do mero facto de “dizer algo”, confere a todo o discurso um valor compromissivo.

Há, no entanto, uma possibilidade de interpretação da frase acima – revelada na continuação do argumento –, que merece atenção. Adiante, em 284c3, o sofista trunca a remissão implícita para B7.1, de Parmênides, quando afirma que:

“Ninguém diz “as coisas que não são””, em vez de “Ninguém diz *que são* as coisas que não são”.

A afirmação tem um matiz ilocutório, constituindo uma espécie de garantia, consensualmente aceita. Ora, é esse mesmo efeito que a pergunta inicial, acima transcrita, despoleta, como se nota na continuação do argumento. A cláusula elidida – “que são” – é re-introduzida, em cada um dos passos, através da atribuição da cadeia dos sentidos de ‘ser’ aos “entes” referidos, mas nunca asseridos pelo discurso.

Esta presença da leitura sofística da interdição eleática, expressa em B7.1, é frequente em Platão, para quem “conhecer”, “dizer” ou “opinar” “coisas que não são” (“não entes”) levanta interessantes problemas (por exemplo, na República V 477a1, ou no Teeteto 188b-189b).

Estes só serão resolvidos, no Sofista, após a identificação do “Não Ser” como “Outro, em relação ao Ser” (256d-e; vide 254d) e a subsequente identificação da negativa com a alteridade (257b-c). Em relação à possibilidade de deduzir qualquer leitura de ‘ser’ da mera enunciação de um nome, note-se ainda a breve discussão aporética de 244c ss., sobre o ridículo da aceitação de “um nome que não tenha logos”.